



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

13, 14 e 15 de Setembro 2014



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Moacir Pereira	<b>Data:</b> 14/09/2014
<b>Assunto:</b> Cartão Escolar		<b>Página:</b> 16

# DIÁRIO CATARINENSE

### CARTÃO ESCOLAR

A Secretaria da Educação concluiu que está sendo muito positiva a experiência do cartão escolar fornecido a todos os diretores das 1,1 mil escolas da rede estadual para despesas de pronto pagamento. No próximo ano o governo deverá elevar o valor para viabilizar a solução de problemas administrativos emergenciais que surgem nas escolas.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Visor	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Jogos Escolares		<b>Página:</b> 02

# DIÁRIO CATARINENSE

### SAFRA DOURADA

A delegação de SC retornou de Londrina (PR) com um novo recorde de medalhas em uma edição de Jogos Escolares da Juventude 12 a 14 anos. Foram 41, sendo 14 de ouro, 16 de prata e 11 de bronze.



<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Em dia	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Opinião		<b>Página:</b> 26

## DIÁRIO CATARINENSE

### EM DIA

### EDUCAÇÃO, PROJETO ÚNICO, BENEFÍCIO PARA TODOS



**CÉSAR SMIELEWSKI**  
Presidente da Associação Empresarial de Criciúma

**A** publicação, na última década, dos índices referentes ao desenvolvimento educacional de nosso país vem acompanhada de uma comemoração quase ufanista acerca de pretensos avanços. Com gratidão, devemos reconhecer o quanto evoluímos nesses termos, especialmente no aspecto inclusivo, que possibilita a muitos brasileiros a oportunidade de ascensão social.

Esses índices devem ser analisados sob criterioso contexto

Estabelecido que nossos projetos focam no desenvolvimento sustentável, esses índices devem ser analisados sob criterioso contexto, devendo imperar o aconselhável comedimento. Se buscarmos um país reconhecidamente desenvolvido, devemos nos valer de referências que constituem o máximo estado da arte na educação. Fazendo o ranqueamento de nossas melhores universidades e comparando-as às semelhantes pelo mundo, confrontando os resultados obtidos

Estudantes, com seus similares internacionais, ou se fizermos a proporcional equivalência do número de patentes registradas pelo Brasil, concluiremos que não temos nada a festejar.

Em tempos que postulantes ao cargo máximo da nação esforçam-se para distinguir-se na confiança dos eleitores, a sociedade civil organizada deveria propor um projeto único para educação em nosso país. Acima de qualquer cor partidária e, acatado sem contestação pelo vencedor, o respectivo projeto douraria a principal engrenagem desse sistema, que é o professor. Esse profissional, à luz da meritocracia, receberia excelentes salários, sendo assistido todo o tempo com os melhores planos de saúde, carreira, previdência e qualificação.

Conquistada a motivação do professor, o plano contemplaria também a redução da carga tributária dos meios de aprendizagem. Com isso, falicitaria o acesso a livros, material escolar, tablets e correlatos. Essa medida é sintomática. A exemplo do setor automobilístico, a redução do material escolar destravaria as mentes de nossos jovens, qualificando-os para o mercado de trabalho, aumentando sua criatividade para o empreende-



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Sua Vida	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Ciência sem Fronteiras		<b>Página:</b> 23

# DIÁRIO CATARINENSE

### **Ensino | Vagas abertas para o Ciência Sem Fronteiras**

O programa Ciência Sem Fronteiras está com inscrições abertas até o dia 29 de setembro para mais de 14 mil bolsas de estudo no exterior. O programa é uma oportunidade para estudantes de graduação, pós-graduação, doutorado e pós-doutorado buscarem relações com as melhores universidades do mundo. De responsabilidade do governo federal, o programa paga a estadia e o curso no exterior e também oferece apoio a estudantes brasileiros que moram fora. Os critérios para se inscrever na bolsa são: ter passado no Exame nacional do Ensino Médio (Enem) com nota superior a 600, comprovar proficiência em algum idioma e ser aceito pela universidade onde se pretende estudar. Esta é a primeira seleção.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Revista Veja	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Fundeb		<b>Página:</b> on-line



### REPASSE AO FUNDEB TRIPLICA, MAS DESEMPENHO DE ESCOLAS NÃO MELHORA

*Entre 2007 e 2013, verba federal foi repassada a dez Estados do Norte e Nordeste, que sequer atingem média nacional no Ideb*

O repasse da União ao principal fundo de financiamento da educação básica do país, o Fundeb, mais do que triplicou entre 2007, data da sua regulamentação, e 2013. Nesses seis anos, a verba federal foi repassada a dez Estados do Norte e Nordeste que não alcançaram o valor mínimo de investimento por aluno. Apesar da alta nos repasses, a maioria desses Estados nem sequer atingiu a média nacional da rede pública no Índice de Desenvolvimento Básico da Educação (Ideb) de 2013, que mede a qualidade das escolas públicas do país.

Leia mais:

Ideb 2013 revela estagnação no ensino fundamental e médio

A maior parte dos Estados atendidos pelas verbas federais ainda ocupa a lanterna do Ideb, tomando como base tanto a rede pública (que inclui as esferas federal, estadual e municipal) quanto apenas a rede estadual. Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco e Piauí recebem aportes desde 2007. Já Amazonas entrou para a lista em 2008 e Rio Grande do Norte em 2011, segundo dados da Controladoria-Geral da União (CGU).

A transferência de recursos federais para os Estados passou de 2,9 bilhões de reais em 2007 para 9,3 bilhões em 2013, em valores já corrigidos pela inflação (IGP-DI). Trata-se de uma alta real de 221%, 12 vezes o crescimento da economia no período, segundo estudo da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da PUC-RS, em parceria com o Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis (Sescon-RS).

Além da verba da União, destinada a socorrer entes federativos que não alcançam o investimento mínimo (em 2013, foi de 2.022,51 reais por aluno), o fundo tem ainda recursos estaduais e municipais, que financiam toda a rede pública.

No total, as verbas do Fundeb passaram de cerca de 67 bilhões de reais para 116 bilhões no mesmo período, também descontada a inflação. O dinheiro foi destinado ao pagamento dos salários de professores, compra de equipamentos e manutenção de atividades como merenda e transporte escolar.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

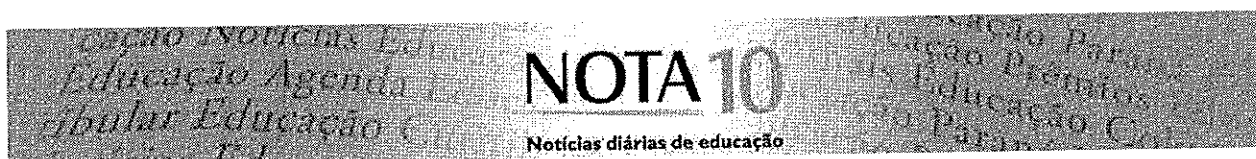
Apesar da alta dos investimentos, a nota dos Estados que precisaram de ajuda financeira pouco avançou no Ideb. A situação mais crítica ocorreu no ensino médio. Nessa etapa, as redes estaduais de Alagoas, Maranhão e Rio Grande do Norte não tiveram nenhum tipo de melhora em seis anos. Em dois Estados, o resultado foi pior: Pará teve queda de 2,8 para 2,7 e o Piauí, de 3,1 para 3. Sete dos dez Estados não atingiram as metas para 2013 nesse ciclo — e os objetivos traçados pelo Ministério da Educação, segundo educadores, são pouco ambiciosos.

O Ministério da Educação informou que o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) responderia sobre o Fundeb, mas o órgão não se manifestou.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Nota 10	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Investimentos		<b>Página:</b> Online



# País precisa aumentar investimentos em educação

Avançar nas metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação (PNE) é um dos principais desafios do país para os próximos anos, analisam especialistas ouvidos pela Agência Brasil. O plano, cuja lei foi sancionada em junho, contém 20 metas para serem cumpridas nos próximos dez anos. As metas, que abrangem do ensino básico ao ensino superior, tratam de questões como ampliação de matrículas, inclusão de pessoas com deficiência, melhorias na infraestrutura e valorização dos professores e trabalhadores em educação. Entre elas está a destinação de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para o setor.

"O próximo presidente vai ter que dar o primeiro salto", diz o coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara. "O próximo mandato será determinante para cumprimento das metas do plano. O PNE deverá estar dentro do novo ciclo orçamentário, que começa em 2015", diz. Em termos de investimento, terá que passar dos atuais 6% do Produto Interno Bruto (PIB) para 7% no fim do mandato. Pelo PNE, a meta intermediária deverá ser cumprida até 2019.

Segundo Cara, além de garantir mais recursos, será preciso, estruturar a colaboração financeira da União a estados e municípios para assegurar o Custo Aluno-Qualidade inicial (CAQi), que corresponde ao valor suficiente para cumprir os padrões mínimos de qualidade do ensino básico. O coordenador destaca também o prazo até 2016 para a criação do Sistema Nacional de Educação, responsável pela articulação entre os sistemas de ensino, em regime de colaboração, para efetivação das diretrizes, metas e estratégias do PNE.

No ensino básico, até 2016, o desafio será universalizar o ensino dos 4 aos 17 anos de idade. Isso significa incluir quase 3 milhões de crianças e jovens que estão fora da escola. "O desafio mais imediato é a criação de vagas para atender a todas as crianças na pré-escola [4 e 5 anos]. Embora não caiba a estados e União, esses entes são responsáveis por prestar assessoria técnica e recursos financeiros aos municípios", diz a gerente da Área Técnica do movimento Todos pela Educação, Alejandra Meraz Velasco. Na etapa, a geração de vagas deverá girar em torno de 1 milhão, segundo os dados oficiais mais recentes disponíveis no Observatório do PNE, portal coordenado pelo movimento.

De acordo com o secretário executivo da Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (Anced), Vitor Alencar, continuam fora da escola "os mais violados em seus direitos, os negros, os indígenas e outros grupos". Além de universalizar o ensino, Alencar ressalta que é preciso garantir qualidade. "Não podemos ter pessoas





## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

que, ao final de 5, 10 anos de estudo, não saibam ler e não consigam refletir sobre as próprias vidas, que é decorrência de um processo que pensa na quantidade e não na qualidade." Para isso, será preciso valorizar os profissionais: "se não avançarmos na valorização e na melhoria das condições de trabalho dos profissionais de educação, não tem como fazer educação de qualidade no Brasil", acrescenta.

No ensino superior, o plano também garante a expansão das vagas. "Nos últimos anos houve uma expansão bastante acelerada de universidades e institutos federais. Essa expansão é importante, mas não conseguiu ser acompanhada das questões de infraestrutura, das questões de trabalho, de dar boas condições a quem trabalha nesses locais", diz o presidente da Federação de Sindicatos de Professores de Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes-Federação), Eduardo Rolim, apontando a qualidade como um dos desafios.

Ao contrário do ensino básico, no qual a maior parte das matrículas está em escolas públicas, no ensino superior 73% dos estudantes estão em instituições privadas. Diante desse cenário, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (Abmes) quer mais espaço e pede maior participação dos representantes do setor privado na tomada de decisões. "Não temos participação efetiva nos colegiados que definem as políticas públicas e as implantam", diz o diretor executivo da Abmes, Solon Caldas. "A meta de expansão só é possível em parceria com o setor privado. É preciso entender que o privado não é concorrente do público", acrescenta.

Para a presidenta do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN), Marinalva Oliveira, os recursos públicos devem ser voltados à expansão nas instituições públicas. "O público está enfraquecido. Professores estão precarizados, com salários baixos, desmotivados e estão abandonando a profissão. A educação precisa urgente de investimento". A entidade propõe ao futuro governante que eleve o investimento para 10% do PIB já nos próximos anos e não apenas no fim da década. "A educação precisa urgente de mais investimento", diz.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> ADJORI	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Educação e indústria		<b>Página:</b> Online



### Somente a Educação pode salvar a indústria

O extremo oeste catarinense, cuja história de colonização remonta ao fenômeno migratório do povo gaúcho registrado mais intensamente na primeira metade do século XX, experimentou primeiro o desenvolvimento industrial a partir da exploração madeireira. O impulso, contudo, veio com a transação entre o modelo agrícola de subsistência e o sistema comercial. O processamento agroindustrial, ao mesmo tempo, criou um cenário fértil para outros setores como o metal-mecânico e mais recentemente a robótica.

Dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontavam que, em 2012, nos vinte municípios abrangidos pela vice-presidência Regional Extremo Oeste da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc), 43% da população trabalhavam na indústria, o que equivale a 15.751 de um total de 172.250 habitantes. O número representa certo equilíbrio entre a oferta e a demanda. O desafio dos industriários, na verdade, é estimular esses colaboradores a produzirem mais, com maior qualidade, menos custo e em tempo menor.

O mantra, disseminado pelo americano Henry Ford justamente quando eram fixados os primeiros alicerces na região que permite ao Estado fazer fronteira com a Argentina, agora deixou de ser uma opção para o desenvolvimento e se tornou uma questão de sobrevivência em meio à concorrência nacional e global. Uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que a produtividade brasileira está estagnada há três décadas.

O problema maior é que o trabalhador brasileiro, em média, produz um quinto da riqueza gerada pelo americano, perto de 22 mil dólares por ano contra de 100 mil dólares. Os alemães, mesmo com jornada laboral menor, produzem quatro vezes mais que os brasileiros. A raiz dessa disparidade estaria na escolaridade, que chega a ser quase a metade no Brasil, segundo explica o diretor do Serviço Social da Indústria (Sesi) Chapecó, Claudemir Bonatto. “Para não amargar mais resultados negativos, a nossa saída é apostar na Educação”, observa.

Prova dessa necessidade é que, mesmo sem figurar entre as piores estatísticas nacionais, o extremo oeste ainda tem muito a evoluir no campo educacional. Em São José do Cedro, que concentra 49% de seus trabalhadores na atividade industrial, 70% não concluíram a Educação Básica. “Somos uma nação naturalmente rica, mas com um povo que cresceu sem acesso à Educação. Estamos cerca de cinquenta anos atrasados na competição pelo desenvolvimento. Nações que enfrentaram adversidades, como a Alemanha, o Japão e a Coréia do Sul, perceberam logo onde investir para chegar ao status de potência mundial. Não vejo outro caminho a não ser a Educação”, pontua o vice-presidente Regional da Fiesc, Astor Kist.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

### PRIMEIROS PASSOS

São Miguel do Oeste, considerado polo regional, já vivencia uma situação um tanto melhor, mas não aceitável. Na cidade, 56% dos 4.462 trabalhadores industriais tem a Educação Básica completa ou mais. Todavia, 44% ainda precisam dessa condição para poder acessar cursos técnicos e investir na formação continuada. “Esse é o nosso grande gargalo porque limita a formação continuada, essencial para estimular o trabalhador a ter novas ideias, a sair da zona de conforto, a produzir mais e ajudar a empresa a se tornar mais competitiva”, aponta o diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Ivanor Finato.

Aos poucos o cenário está mudando. A indústria está de portas abertas. Por meio de ações desencadeadas de maneira mais intensiva pelo movimento ‘A indústria pela Educação’, trabalhadores, como o vendedor orçamentista da Torfresma Industrial de São Miguel do Oeste, Fábio de Souza, voltaram para a sala de aula a fim de concluir a Educação Básica. “Se eu tenho a capacidade de fazer tantas outras coisas, eu tenho a capacidade de concluir o Ensino Médio, e confesso que quando eu comecei a estudar, a conhecer novas pessoas, passei a sentir vontade de fazer um curso superior. É algo pessoal, mas que também agrega para o crescimento profissional”, destaca, lembrando que aos 16 anos, quando começou a trabalhar na empresa, não pensava da mesma maneira. “Se eu tivesse tido a possibilidade de somar a prática com a teoria, provavelmente as dificuldades teriam sido menores”, concorda.

Justamente para facilitar a resolução das situações-problema vivenciadas na linha produção, gestão e comercialização, é que a indústria, com mais de vinte anos no mercado, aposta na qualificação de seus colaboradores por meio da Educação. Segundo a analista de Recursos Humanos, Graciele Draczevski Camini, além dos cursos desenvolvidos em parceria com instituições como o Sesi e o Senai, há outros técnicos subsidiados que incentivam o trabalhador a se aperfeiçoar constantemente. Embora a empresa não tenha um índice concreto do impacto na produtividade a partir do investimento em Educação, assim como não há dados em toda a região, percebe-se que “essa iniciativa tem melhorado muito a produtividade porque desperta o interesse do colaborador, que também se sente valorizado, ao poder sugerir novos métodos de rendimento à empresa”, avalia Graciele.

Na opinião da analista de RH, qualificar a mão de obra para cumprir com a missão da indústria é um dos aspectos que permite a competição nos mercados nacional e internacional. Especializada na produção de máquinas e equipamentos para frigoríficos, bem como no segmento de robótica e automação, a Torfresma Industrial exporta seus produtos para países como Venezuela, Argentina, Chile e Emirados Árabes. Por isso que, mesmo perto de concluir a graduação, Cristiane Lorenzini, que entrou para o quadro funcional da empresa há mais de sete anos, não abre mão da formação continuada. “Todo curso que é o oferecido agrega ao ambiente de trabalho e ainda tem reflexo no bem-estar social”, comenta.

### DESAFIOS PARA COMPETIR

É fato. O mercado precisa cada vez mais de pessoas inteligentes, criativas e dispostas. Há um tempo, quem não tinha qualificação ia para o chão de fábrica. Hoje a realidade é outra. Essas funções repetitivas, insalubres e perigosas estão sendo substituídas pela automação. Mas, em contrapartida, tem muito espaço para trabalhos que exigem dinamismo. “É o que chamamos de 4ª Revolução Industrial, que faz a interligação cyber-físico. Para participar dela o trabalhador tem que estar preparado. Ele precisa entender os comandos numéricos, programar e fazer a manutenção das máquinas. Esse é o nicho de mercado que está surgindo e o trabalho braçal está se esvaindo”, opina o diretor do Senai São Miguel do Oeste, Ivanor Finato.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

“Temos um longo caminho até todos os trabalhadores concluírem a Educação Básica, poderem buscar a formação continuada e atenderem a demanda do mercado industrial, mas essa é a nossa missão”, diz o diretor do Sesi Chapecó, Claudemir Bonatto, que tem o objetivo de matricular 28 mil alunos nas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e 11 mil no Grande Oeste, em turmas de Educação Continuada. “É certo que esse preparo reflete na linha de produção, já que o trabalhador cumpre as normas, inclusive de segurança, é mais ágil para produzir e pensar em soluções criativas”, ressalta.

Mais do que promover o acesso à Educação, porém, é necessário investir na qualidade. O Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), divulgado no início deste mês, mostra que as escolas brasileiras pecaram. Por dois décimos não atingiram a meta de 4,4 pontos nos anos finais do Ensino Fundamental para 2013. No Ensino Médio, o país repetiu o índice de 2011 (3,7), que também ficou abaixo da meta de 3,9. Nas escolas públicas de São Miguel do Oeste, que atendem a maior parte dos alunos, a meta era chegar aos 5,2 pontos, mas nos anos finais do Ensino Fundamental só foram conquistados 4,0.

De acordo com especialista em Anos Iniciais, Orientação e Supervisão da Secretaria de Educação de São Miguel do Oeste, Terezinha Osmari Bagatini, a metodologia de ensino já adotada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que na rede pública municipal superou a meta 5,7 e atingiu 6,3 pontos, pensa no aluno enquanto sujeito que interage na sociedade. “Agora, é preciso avançar em relação à qualidade da Educação nos anos finais do Ensino Fundamental. A forma de ensinar precisa ser repensada para que esses alunos também saibam lidar com a problematização, saibam refletir, contextualizar, interpretar”, compreende, ao reforçar que inegavelmente a formação dada ao sujeito na escola refletirá no seu desempenho enquanto ator da vida social. “A mudança de didática não é fácil e dá trabalho, mas é a estratégia a ser projetada para provocar o aluno a pensar, a interagir na sociedade como um sujeito de senso crítico, capaz de melhorar o ambiente onde vive”, conclui a educadora.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Hora de Santa Catarina

Editoria: Principal

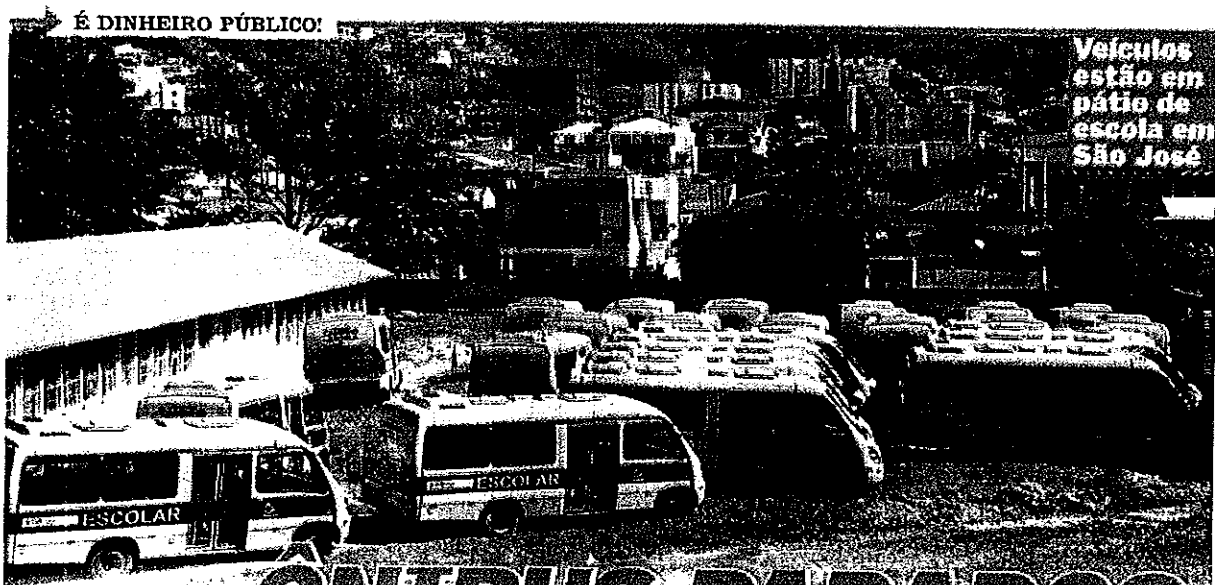
Data: 11/09/2014

Assunto:

Página: Online

# HORA

de SANTA CATARINA



## ÔNIBUS PARADOS são alvo de vândalos

Depredação aconteceu enquanto cerca de 50 veículos aguardam documentação para serem entregues às escolas.

GABRIELA WOLFF

[gabriela.wolff@horasc.com.br](mailto:gabriela.wolff@horasc.com.br)

**C**erca de 50 micro-ônibus escolares novinhos e parados no pátio da Escola Estadual Bela Vista, em São José, estão sendo depredados.

Um alerta que já havia sido dado pelo pedreiro Fabiano de Souza Dias. Trabalhando diariamente em uma obra próxima à escola, ele percebeu quando os veículos começaram a chegar – segundo ele,

na primeira quinzena de julho. Desde então, lá permaneceram expostos a sol, chuva, sol e vento.

– Em uma semana eles começaram a trazer, cada dia chegava um pouco. Perguntei na escola e ninguém sabia de nada. Liguei para a Secretaria Regional, e ninguém me atendeu. Só eu contei uns 50. Isso não tá certo, tem escolas com alunos cadeirantes que estão precisando.

Daqui a pouco começa a estragar tudo – disse na segunda-feira.

Não demorou muito para a previsão de Fabiano se concretizar. Na madrugada de terça-feira os ônibus foram alvo de vândalos e ladrões, que furtaram 18 baterias, câmeras de retrovisores e quebraram vidros. Quatro baterias foram encontradas no próprio terreno pelo vigilante do turno da manhã. Cada uma custa cerca de

R\$ 850, um prejuízo de mais de R\$ 12 mil.

Morador de uma casa nos fundos da escola, Cesar Ebespa conta que os problemas com vandalismo por ali não são novidade. Assim que percebeu a chegada dos veículos há mais de um mês, ele imaginou que algo de aconteceria.

– Este pátio não é lugar de abrigar os ônibus. Eles (governo) têm que entregar logo!



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

# Secretaria vai buscar um novo local

Os micro-ônibus foram adquiridos pelo programa do governo Federal Caminho da Escola. Os veículos são produzidos apenas para transporte escolar, e tem um custo médio R\$ 150 mil. Somados, valem cerca de R\$ 7,5 milhões.

De acordo com o diretor de apoio ao estudante da Secretaria de Estado da Educação (SED), Osmar Mattioli, à medida que a empresa foi entregando os coletivos, eles foram sendo armazenados no pátio por falta de um almoxarifado grande o

suficiente para abrigá-los. Somente em 26 de agosto houve a entrega oficial, e então os ônibus passaram a ser responsabilidade da SED. Ele explica que foi contratado serviço de segurança 24h em 3 de setembro:

– Infelizmente não

temos um almoxarifado para abrigar os ônibus e é natural do processo demorar. Um boletim de ocorrência foi registrado, e vamos ver com a empresa de segurança o que aconteceu. Agora vamos buscar um local com mais segurança.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

## NÚMEROS



**R\$ 150  
MIL**

custa em média  
cada micro-ônibus



**R\$ 7,5  
milhões**

é o custo total  
estimado para  
50 ônibus



**29**

alunos é a  
capacidade



**18**

baterias  
foram  
furtadas

## ENTREGA ATÉ O FIM DO MÊS

Mattiola explica que apenas após a entrega oficial a Secretaria pode dar início aos trâmites legais da compra. Uma vistoria foi realizada e o pagamento deve ser concluído até amanhã. Com isso, o órgão pretende dar entrada no licenciamento junto ao Detran e começar a

entregas aos municípios:  
– Faz parte do processo, recebemos e não podemos entregar diretamente às cidades. Mas até o fim de setembro temos a meta de finalizar a distribuição. Mais 50 unidades ainda devem chegar até o fim do ano – explicou.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Blog Moacir Pereira	<b>Editoria:</b> Blog Moacir Pereira	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Cartão Escolar		<b>Página:</b> Online



### Secretaria aprova Cartão Escolar

Secretaria da Educação concluiu que está sendo muito positiva a experiência do cartão escolar que está sendo fornecido a todos os diretores das 1.100 escolas da rede estadual para despesas de pronto pagamento. No próximo ano o governo deverá elevar o valor para viabilizar a solução de problemas administrativos emergenciais que surgem nas escolas.





## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Folha de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Ciência sem fronteiras		<b>Página:</b> Online

EM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL \* \* \* WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S.PAULO

### **Dilma cogita limitar Ciência Sem Fronteiras a estudantes de baixa renda**

Ao anunciar que todos os inscritos na última etapa do programa Ciência Sem Fronteiras vão ganhar bolsa de estudos no exterior desde que cumpram os requisitos exigidos pelo programa, a presidente Dilma Rousseff afirmou neste domingo (14) que poderá incluir a renda como critério na seleção de estudantes.

Isso aconteceria num eventual segundo mandato da petista, que disputa a reeleição e voltou a prometer neste domingo mais 100 mil bolsas de estudo para brasileiros no exterior.

"Não está afastado o corte por renda", afirmou Dilma, dizendo que o programa continuaria em seu próximo governo, mas permaneceria limitado às bolsas para as áreas de exatas, que incluiu cursos como de engenharia e biomédica.

Sobre uma possível inclusão da área de humanas no Ciência sem Fronteiras, a presidente afirmou: "Não temos dinheiro para abrir para todo mundo".

Dilma marcou a tradicional coletiva dominical no Palácio do Alvorada para falar do Ciência Sem Fronteiras. Anunciou que há mais 14.900 vagas disponíveis para a última etapa do programa, cujas inscrições se encerram no dia 29 de setembro. Afirmou ainda que há mais de 60 mil inscritos.

Para atender a toda a demanda, ela diz que vai dar bolsas a todos os inscritos que cumprirem os requisitos do programa, que inclui prova de proficiência em idioma estrangeiro e o aceite da faculdade no exterior.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Folha de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 15/09/2014
<b>Assunto:</b> Entrevista Flávio Comim		<b>Página:</b> Online

DIÁRIO DE SERVIÇO DO BRASIL - N.º 10 - WWW.FOLHA.COM.BR  
**FOLHA DE S. PAULO**

### **Criança deve evitar eletrônicos até 12 anos de idade, afirma educador**

Tablets são uma péssima maneira que os pais acharam para ocupar as crianças, diz Flávio Comim, 48, ex-economista sênior do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento).

Para ele, o ideal é que as crianças evitem os eletrônicos até os 12 anos. "O uso excessivo de aparelhos eletrônicos limita as conexões neurais. As crianças não pensam aberto, mas dentro da caixa."

Economista, ele é um dos coordenadores do Círculo da Matemática, projeto nascido em Harvard há 20 anos. Leia a seguir a entrevista.

Folha - Como pais podem ajudar os filhos na escola?

Flávio Comim - Os pais devem se importar com os estudos dos filhos. As crianças não aprendem com discurso, mas sim com a prática. Você briga com seu filho por causa de uma nota ruim e, quando ele vem mostrar algo que aprendeu, você diz "bonito, agora vamos ver televisão". Os pais têm de ser coerentes.

O efeito família é superior ao efeito escola na explicação do desempenho das crianças. Professores não conseguem mudar a realidade que o aluno vive em casa. Há muito que os pais podem fazer: ler um livro, brincar juntos, criar rotina. Isso dá segurança à criança ir bem na escola. Mas é preciso regras, punições consistentes.

Que tipo de punição?

As maneiras mais modernas de punir estimulam a reflexão das crianças, como na ideia de minutos. Você reconhece que aquilo que a criança fez não está certo e dá um tempo para ela pensar. Mas sempre com afeto. As famílias parecem estar cansadas demais para se preocupar com o mundo dos filhos –os pais terceirizam para a escola a educação dos filhos e esta devolve para os pais. As crianças são educadas em um vácuo que tem sido preenchido pela tecnologia.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Isso é ruim?

É péssimo. iPad e tablets são a maneira que os pais de classe média encontraram para ver as crianças ocupadas. Um superestímulo virtual pode levar também a problemas de comportamento, como à busca por satisfação imediata em tudo. O uso excessivo de aparelhos eletrônicos limita as conexões neurais. As crianças não pensam aberto, mas dentro da caixa, naqueles parâmetros que são dados. As sociedades médicas na Inglaterra e nos EUA recomendam que, pelo menos até os 12 anos, crianças não usem muitos eletrônicos. Os pais, talvez no intuito de ajudar e maravilhados em ver os filhos operando esses aparelhos, se rendem, indefesos, a todo tipo de tecnologia. Os problemas vêm depois.

Livros e brinquedos nessa fase são mais recomendáveis?

Sim, se receber os estímulos certos, uma criança pode começar a ler aos quatro ou cinco anos. Do contrário, ela pode ter a mobilidade prejudicada ou enfrentar dificuldades para diferenciar cores.

E o aspecto lúdico?

Ninguém tem excelência se não faz algo com um pouco de prazer. O problema é que muitos pais têm um nível educacional limitado. Dizem às suas crianças "matemática é difícil mesmo", dando uma autorização tácita para o seu desinteresse e desengajamento. Esses mesmos pais precisam de apoio.

Talvez o maior desafio na nossa educação hoje seja a humanização das relações entre professores e alunos e entre professores e pais. As escolas precisam criar vivências que aproximem as pessoas, não apenas reuniões para reclamar das crianças.

Como fazer isso?

Cito o projeto Círculo da Matemática, em que se diz que "pequenas ações dão grandes resultados": chamar os alunos pelo nome ou registrar no quadro uma resposta errada ou elogiar não o aluno, mas suas respostas são ações de gestão de sala de aula que promovem a inclusão. O fundamental é ter respeito ao aluno como um ser inteligente. Vários professores perdem esse respeito em condições hostis de sala de aula, o que leva ao embrutecimento das relações.